

houve aumento da peroxidação lipídica entre o grupo pós suco de uva e pós meia-maratona no grupo placebo, no entanto em nenhum momento do grupo intervenção, foi verificado diferença significativa. Conclusão: O suco de uva tinto é capaz de aumentar a capacidade antioxidante após 14 dias de consumo provavelmente por sua propriedade antioxidante, o que não encontramos no grupo placebo. Além disso, foi observado um aumento de lesão à lipídeos no grupo placebo após a meia-maratona, o que não foi verificado no grupo suco de uva. Portanto, o suco de uva tinto poderia ser utilizado na prática esportiva por seu poder antioxidante. Apoio financeiro: IPA, FAPERGS, CNPq, CAPES, IBRAVIN. Unitermos: Exercício; Suco de uva tinto; Antioxidante.

P1584**Análise comparativa de astrócitos e células de glioma C6 cultivados em PH fisiológico e ácido: um estudo do microambiente tumoral**

Flávia Prezzi, Luiza Pretto, Andrew Oliveira Silva, Elizandra Braganhol, Márcia Rosângela Wink - UFCSPA

Introdução: Glioblastomas (GBMs) são tumores do sistema nervoso central (SNC) classificados como grau IV, sendo a forma mais maligna de glioma e um dos mais agressivos e incuráveis cânceres humanos. São tumores sólidos de hipóxia, desta forma apresentam um ambiente de baixa oxigenação, com carência de nutrientes e um microambiente ácido (pH 5-6.8), capaz de modular respostas celulares e a eficácia do tratamento em pacientes. Objetivo: Verificar as mudanças biológicas ocasionadas em células de glioma C6 e em astrócitos primários de córtex de ratos, cultivadas em pH fisiológico (7.4 -7.6), comparadas àquelas cultivadas em pH ácido (6.8). Metodologia: Foi realizado o cultivo de células de glioma de rato C6 e células não tumorais de astrócito de córtex de rato em meio DMEM com diferentes pHs (7.4 e 6.8) durante 4 dias. Após este período foi realizado os testes de viabilidade celular MTT, sulforodamina-B (SRB), iodeto de propídio e análise morfológica do núcleo (NMA), além de observar a morfologia celular através da fluorescência com DAPI e faloidina. Também foi realizada citometria de fluxo para análise de ciclo celular nos diferentes pHs de cultivo. Resultados: A análise da influência do pH no ambiente indicou que há uma mudança morfológica adaptativa para sobrevivência celular. A análise do perfil de indução de morte celular indicou que esta condição ambiental não foi capaz de desencadear este mecanismo celular, quando comparada ao meio fisiológico, entretanto foi observado uma diminuição na viabilidade celular nas células de linhagem C6 e astrócitos, respectivamente, nos testes de MTT de aproximadamente 63% e 48% no pH ácido em relação ao pH fisiológico e de 74% e 32 % no teste de SRB. O NMA não indicou nenhuma mudança morfológica nuclear significativa nas células cultivadas nos diferentes pHs, bem como análise do ciclo celular em citometria de fluxo. Conclusão: O baixo pH desencadeou uma mudança morfológica adaptativa nas células de linhagem C6 de glioma de rato e nas células não tumorais de astrócitos. Entretanto não foi observada maiores mudanças biológicas e bioquímicas comparativas entre os pHs de cultivo. Estes resultados trazem a possibilidade de uma adaptação da célula ao meio ácido, mantendo suas características normais. Para confirmação destes dados tem-se a perspectiva de um cultivo celular em pH ácido em diferentes tempos (24,48 e 72h) para melhor análise do comportamento biológico celular. Unitermos: Microambiente tumoral; Glioma.

P1593**Diferentes efeitos de antipsicóticos típicos e atípicos em células Astrogliais in vitro**

Ricardo Haack Amaral Roppa, Larissa Daniele Bobermin, Amanda da Silva, André Quincozes dos Santos - UFRGS

Os astrócitos são células gliais envolvidas na manutenção das funções do sistema nervoso central, modulando neurotransmissores, fornecendo suporte metabólico, trófico e antioxidante, e participando da resposta inflamatória cerebral, através da produção de diversas citocinas. Essas células podem ter suas funções moduladas por antipsicóticos, medicamentos usados no tratamento de transtornos neuropsiquiátricos. Nesse sentido, vários estudos demonstraram que os antipsicóticos são capazes de modular a liberação periférica de citocinas, mas seus efeitos sobre a resposta inflamatória astrogliar precisam ser melhor investigados. Neste estudo, avaliamos os efeitos da risperidona e do haloperidol, antipsicóticos atípico e típico, respectivamente, na liberação de citocinas e no estado redox, na linhagem astrogliar C6. As células C6 foram cultivadas em DMEM com 5% de soro fetal bovino em incubadora à 37°C e 5% de CO₂, até atingirem a confluência. Após, o meio de cultivo foi trocado por DMEM sem soro e as células foram incubadas na presença de risperidona ou haloperidol (0,1 µM, 1 µM e 10 µM) por 6 ou 24 h. Os níveis extracelulares de mediadores inflamatórios, como o fator de necrose tumoral alfa (TNF-α), as interleucinas 1β (IL-1β), 6 (IL-6) e 10 (IL-10), bem como o conteúdo nuclear da subunidade p65 do fator de transcrição nuclear κB (p65 NFκB), foram medidos através de kits comerciais de ELISA. Os níveis intracelulares de glutatona (GSH) foram analisados por um ensaio fluorimétrico. Através da técnica de western blotting, foram avaliados os níveis intracelulares da proteína cinase ativada por mitógenos p38 fosforilada (p-p38 MAPK). Foi observado que a risperidona apresentou uma atividade anti-inflamatória, diminuindo a liberação de TNF-α, assim como de IL-1β e IL-6. Também foi visto que a risperidona aumentou a liberação de IL-10. Este antipsicótico atípico foi capaz de diminuir a atividade transcricional do NFκB e aumentar o conteúdo de GSH. No entanto, o haloperidol induziu uma resposta pró-inflamatória, aumentando os níveis extracelulares de TNF-α e IL-1β, além de diminuir a IL-10. A resposta inflamatória mediada pelo haloperidol envolveu a ativação da p38 MAPK e do NFκB. Em resumo, nossos resultados sugerem que os antipsicóticos podem apresentar diferentes efeitos sobre células astrogliais, os quais poderiam estar envolvidos na eficácia ou na potencialização da neuroinflamação associada aos transtornos neuropsiquiátricos. Unitermos: Astrócito; Resposta inflamatória; Antipsicóticos.

P1597**Análise de enzimas da via esteroideogênica em tumores de próstata**

Vitória Machado Krüger, Lolita Schneider Pizzolato, Ilma Simoni Brum da Silva - UFRGS

O câncer de próstata (CaP) e a hiperplasia prostática benigna (HPB) são as doenças prostáticas mais comuns em idosos, caracterizadas por alterações no controle e no crescimento da próstata. Os hormônios esteróides, principalmente androgênios, desempenham um papel central na progressão dessas doenças, atuando através da ativação de receptores intracelulares específicos. Um dos tratamentos mais comuns para CaP é a terapia de privação androgênica, e embora resulte em um período de regressão clínica, muitos pacientes evoluem para um estágio conhecido como CaP resistente à castração. Diversos mecanismos têm sido associados a essa resistência, incluindo a ativação da esteroideogênese intraprostática e a produção intratumoral de androgênios e estrogênios. Para que esse processo ocorra, além da presença de precursores hormonais na próstata, são necessárias enzimas específicas como a 3β-hidroxiesteroide desidrogenase/ Δ5-Δ4 isomerase tipo 1 (3β-HSD1) e a aromatase (ARO). Estas enzimas participam de etapas chave na via da síntese de esteróides sexuais e sua expressão pode estar alterada em doenças prostáticas. Além do papel dos androgênios na fisiopatologia da próstata, os estrogênios também possuem funções importantes e podem estar